

fala-se de livro

Livro conta como um **DESFILE EM VERSALHES** mudou a geografia da moda, abrindo espaço para os criadores americanos e deflagrando a luta por diversidade nas passarelas

POR BRUNO ASTUTO

No dia 28 de novembro de 1973, cinco estilistas considerados patrimônio da moda francesa e cinco estilistas americanos apresentaram suas criações no Castelo de Versalhes, num desfile chamado *Le Grand Divertissement Royal*. O evento foi bolado pelo diretor do museu, Gérald van der Kemp, e pela papisa marqueteira da moda americana, Eleanor Lambert, para angariar US\$ 60 milhões para a restauração do castelo. O que era para ser uma noite beneficente, talvez um pouco mais excitante que qualquer outra, acabou se tornando um divisor de águas na história da moda. Essa é a tese de *A Batalha de Versalhes* (Zahar, R\$ 75), livro que acaba de desembarcar nas livrarias brasileiras. A publicação foi escrita por Robin Givhan, a primeira editora de moda a ganhar um Prêmio Pulitzer por suas críticas sempre bem fundamentadas e esculpidas como um romance no jornal *The Washington Post*.

Embora se tratasse de um evento benemerente, batalha é um nome bastante apropriado para descrever as loucuras que o antecederam, a começar pela guerra de egos deflagrada pelos estilistas



Cenas da "batalha" entre estilistas americanos e franceses no emblemático desfile no Castelo de Versalhes, em 1973

Quando o COOL...

escolhidos para representar os dois países. A bancada americana misturava nomes consagrados como Oscar de la Renta, Bill Blass e Halston à musa do *sportswear* Anne Klein, única mulher do grupo,



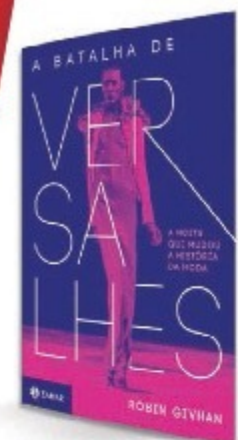
Liza Minnelli durante a apresentação das grifes americanas

e ao talento emergente Stephen Burrows, o único negro. Do lado francês foi escalado um pelotão de grifes conhecidas internacionalmente como Yves Saint Laurent, Ungaro, Pierre Cardin, Givenchy e Dior. Marcas que traziam o frescor do circuito fora da Avenue Montaigne, como Sonia Rykiel e Castelbajac, foram excluídas, assim como a adorada e emblemática Madame Grès.

Esse foi o primeiro pecado do time francês, que se comportou, desde o início, como se estivesse recebendo índios capitalistas que entendiam pouco de estilo. Se comportaram com o típico favoritismo de uma seleção

que joga em casa, ainda que tenham aberto seus ateliês para que os colegas do outro lado do Atlântico pudessem fazer seus *ittings*. A parte francesa do desfile durou cerca de duas horas e contou com orçamento de US\$ 30 mil para cada marca. Os cinco americanos juntos gastaram US\$ 50 mil e realizaram o show em meia hora. Os franceses mudavam os cenários para cada estilista (Cardin colocou um foguete na passarela); os americanos colocaram uma Torre Eiffel para todo mundo e ponto. Os franceses usaram uma orquestra completa para executar a trilha sonora; os americanos tocaram uma fita-cassete com Barry

FOTOS: GETTY IMAGES; THINKSTOCK E DIALUAÇÃO



O livro, que acaba de chegar ao Brasil pela Zahar

dez modelos negras de um total de 36 para seu desfile, ou seja, quase um terço, entre as quais Billie Blair e Pat Cleveland. O *black chic* estava começando a tomar a América, e usar manequins étnicas era sinônimo de progressão social. O desfile de Versalhes foi um passo decisivo por mais diversidade nas passarelas, e continua a ser um marco histórico nesse sentido, se levarmos em conta que na última temporada de desfiles em Nova York, Paris, Londres e Milão apenas 20% das modelos tinham etnia não caucasiana, índice bem aquém daquela noite.

Os americanos saíram coroados de Versalhes em 1973. Aplaudidos de pé, consagraram-se como polo de criatividade pulsante e coração de um cool acessível. Pela primeira vez, Paris deixava de deter o monopólio da elegância. "Nada foi como antes depois daquela noite", lembra Marisa Berenson, uma das participantes do evento. "De repente, todas as minhas colegas modelos queriam voar para a América, onde a ação parecia estar realmente acontecendo. E uma nuvem de poeira cobriu o chique parisiense, que demorou a se recuperar."

...venceu o CHIQUE

White e Al Green, além de Liza Minnelli em performance ao vivo - estrela ascendente, ela havia acabado de conquistar o Oscar de melhor atriz por *Cabaret*. Os americanos tinham tudo para passar como primos pobres. Mas arrasaram.

Arrasaram porque o mundo estava mudando, o prêt-à-porter havia destronado a *couture*. A plateia, que incluía a baronesa Marie-Hélène de Rothschild, a princesa Grace (que foi de Madame Grès para dar uma força à amiga excluída), a duquesa de Windsor e Andy Warhol, ficou boquiaberta com a performance dos americanos. Os vestidos de jérsi de Halston e Burrows e os *looks sport chic*

de Klein representavam a era disco, a liberdade sexual, as mulheres que se sentiam mais confortáveis com seus próprios corpos em detrimento da elegância distante preconizada pelos franceses.

Pierre Bergé, parceiro de Saint Laurent, até tentou, na última hora, vetar a presença de Anne Klein no evento, mas foi demovido por Oscar de la Renta, que bateu o pé em defesa da colega. A estilista, que acabara de saber que fora acometida por um câncer devastador que a mataria no retorno aos Estados Unidos, mostrou uma coleção de *separates* de fácil assimilação e teve de fazer suas últimas provas de roupa num sótão do castelo.

As maisons parisienses, enfim, pareciam Belas Adormecidas - e não ajudou o fato de a música tema da fábula ter sido escolhida para abrir o desfile.

Golpe fatal: os americanos recrutaram um time de



Josephine Baker na luxuosa performance dos franceses